



Carta do Ministro Geral

Mauro Jöhri OFM Cap

BEATO GIACOMO DE GHAZIR

9 de junho de 2008

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

Carta Circular n. 02
BEATO GIACOMO DE GHAZIR
Beirute – Líbano 22 de junho de 2008

Prot. N. 00455/08

A todos os irmãos e a todas
as irmãs da Ordem

Caros irmãos,

Alegra-me comunicar-vos que mais uma vez a nossa Ordem tem um motivo para se alegrar e agradecer ao Senhor pelo dom da santidade, em particular de uma santidade nascida e crescida numa terra hoje particularmente atormentada: o Líbano.

No dia 22 de junho de 2008, em Beirute, será proclamado beato o Abuna Giacomo de Ghazir. Nós olhamos com fé para o novo Beato que muito fez para aliviar os sofrimentos dos pobres de seu tempo, esperando que ele obtenha do Senhor a reconciliação e a paz para o mundo e para o Líbano.

Quem era Abuna Giacomo? A muitos de nós este nome diz pouco ou nada, mas em sua terra ele é reconhecido como um gigante da caridade. “Grande construtor”, “Apóstolo da Cruz”, o “São Vicente de Paula do Líbano”, um “Novo Cotelengo”, um “Novo Dom Bosco”, são alguns dos vários qualificativos que os libaneses, tanto cristãos como muçulmanos, usaram e usam para dirigir-se e para rezar a ele, reconhecendo seu espírito humanitário e a sua santidade.

Giacomo nasceu em Ghazir, periferia de Beirute, em 1º de fevereiro de 1875, sendo o terceiro dos oito filhos de Boutros Haddad e Shams Haddad. A família, de rito maronita, era profundamente cristã. A mãe em particular, com a sua vida santa, influenciou decisivamente sobre o filho favorecendo sua forte propensão à

generosidade para com Deus e os homens. Ele foi batizado em Ghazir, na Igreja Maronita, dia 21 de fevereiro de 1875 com o nome de Khalil e crismado dia 9 de fevereiro de 1881. De 1885-1891 fez os estudos elementares na sua cidade natal. Em Beirute fez os estudos secundários em dois colégios religiosos. Aos 16 anos ele emigrou para Alexandria, no Egito, onde, abalado pelo exemplo negativo de um sacerdote e pelo comovente testemunho da morte de um frade capuchinho, o jovem Khalil decidiu abraçar a vida consagrada entre os frades capuchinhos aos 19 anos de idade.

Retornou ao Líbano em 1894 para revelar ao pai sua decisão e logo iniciar o noviciado no Convento Santo Antônio de Pádua, não longe de sua cidade. O pai, inicialmente contrário, por fim disse sim. No noviciado, como era costume na época, ele recebeu um novo nome: frei Giacomo de Ghazir, em recordação do santo frade franciscano Giacomo das Marcas. Todos os frades o admiravam pela sua abnegação, sua piedade, sua caridade, sua obediência e pelo senso de humor que ele usava como instrumento de paz.

Terminados os estudos, no dia 1º de novembro de 1901, na Capela do Vicariato Apostólico de Beirute, o Delegado Apostólico Dom Duval, o ordena sacerdote. No dia seguinte ele celebra a sua primeira Santa Missa em sua terra natal.

Os seus superiores confiaram a ele a economia geral dos cinco conventos de Beirute e da Montanha, encargo que o obrigou a tratar de questões administrativas viajando muito. Dezenas de vezes, como ele mesmo conta em suas Memórias, foi agredido, açoitado e ameaçado de morte, mas miraculosamente a Cruz de Jesus Cristo sempre o salvou.

Em 1905 foi nomeado Diretor das Escolas que os frades capuchinhos dirigiam no Líbano, introduzindo nelas importantes inovações. O seu modelo não era o de ter uma grande escola com muitos alunos, mas escolas pequenas com classes com poucos alunos. Assim, em 1910 as escolas eram 230 com 7.500 alunos.

Abuna Giacomo revela também uma grande capacidade de organizar peregrinações, procissões, celebrações e especialmente as Primeiras Comunhões. Ele dizia: “Semeai hóstias, colhereis santos”.

O seu carisma específico foi a pregação. Os seus sermões eram preparados à noite diante do Santíssimo Sacramento. De Abuna Giacomo conservamos mais de oito mil páginas de escritos! Ele pregou na Síria, no Iraque e na Palestina. Em

Beirute fundou a Ordem Terceira Franciscana, que se espalhou em todo o Líbano. Ele teve a alegria de ir a Lourdes, a Assis e a Roma, onde se encontrou com o papa São Pio X. Consciente da importância da imprensa, ele fundou em 1913 a revista mensal “O Amigo da Família”.

Em 1914, com o desencadear da Primeira Guerra Mundial, os capuchinhos franceses deixaram o Líbano e a Missão foi confiada a Abuna Giacomo. Ele dedicou-se com coragem e competência, não deixando faltar nada. Os novos empenhos não lhe impediram de ocupar-se dos Terceiros Franciscanos, de distribuir o pão aos famintos, de dar sepultura aos mortos abandonados pelas estradas; a providência o protege! Muitas vezes escapou de ser preso e de ser morto.

Tendo despendido todas as suas energias e sem dinheiro, nem mesmo os poucos centésimos para a vela do tabernáculo, ele decide restituir as chaves da Missão ao Delegado Apostólico. Está esgotado, mas a Providência reserva ainda alguma coisa para Abuna Giacomo: a Grande Guerra acaba e o exército turco deixa o Líbano.

Terminada a guerra os capuchinhos franceses retornam e continuam a obra interrompida. A criação de estruturas para acolher crianças, jovens e mulheres em dificuldade, são um novo campo de ação de Abuna Giacomo.

Ele tem um sonho: elevar uma Cruz gigantesca no alto de uma colina do Líbano, para fazer dali um lugar de encontro para os Terceiros mas, sobretudo, de oração pelos mortos na guerra e pelos libaneses que deixaram a sua terra. Com a ajuda da Providência, o sonho se realiza na colina de Jall-Eddib, a qual de colina dos “djinnns”, isto é, dos destinos, se torna a colina da Cruz. Outra cruz é elevada em Deir El-Qamar no Chouf, uma região pluriconfessional.

Mas a Providência reserva a Abuna Giacomo ainda muitas coisas a realizar. Chamado a confessar um padre doente num hospital público, ele sai dali abalado. O padre, além do estado lastimável em que se encontrava por uma má assistência, durante a recuperação nunca tinha podido celebrar a Santa Missa. Abuna Giacomo não pensou duas vezes, levou-o a Nossa Senhora do Mar, onde logo se reuniram outros padres doentes.

Mas a Providência precisa de braços e, sobretudo, de corações generosos e maternos que assumam o trabalho quotidiano e cansativo da Misericórdia. A

idéia de fundar uma Congregação o inquieta. Algumas irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Lons-le-Saunier, o ajudam a formar jovens moças e em 1930 finalmente ele funda a Congregação das Irmãs Franciscanas da Cruz do Líbano. Irmã Maria Zougheib foi a sua primeira colaboradora e co-fundadora da Congregação.

Nos Estatutos da nova Congregação Abuna Giacomo insiste sobretudo para que não maculem jamais as seguintes obras de misericórdia: assistência hospitalar aos padres doentes ou aos que pela idade avançada não possam exercer o ministério; cuidado dos incapacitados, dos cegos, dos aleijados, dos doentes mentais, dos incuráveis abandonados; educação e cuidado dos órfãos. E acrescenta: “quando necessário, é possível dedicar-se ao apostolado escolar nas localidades onde já existe uma casa das Irmãs e não haja ali uma outra Congregação dedicada à educação”.

O amor de Abuna Giacomo pela humanidade que sofre caracterizou toda a sua vida. Ele fundou a Escola São Francisco em Jall-Eddib (1919), hoje conhecida com o nome de “Val Père Jacques” em Bkennaya; o Hospital de Deir El-Qamar (1933), para crianças incapacitadas; o Convento da “Madonna del Pozzo” em Bkennaya (1941), incluindo a Casa Geral, o postulante, o noviciado e o Centro de acolhimento para retiros espirituais de padres, religiosas e grupos de oração; o Hospital de Nossa Senhora em Antélias (1946), para doentes e idosos, e ainda, o Hospital São José, em Dora (1948), situado num bairro popular; a Escola das Irmãs da Cruz, em Brummana (1950), que acolhe crianças órfãs ou vítimas da pobreza material e moral; o Hospício de Cristo Rei, em Zouk-Mosbeh (1950), na colina que domina a estrada costeira para Byblos, onde está uma estatua de Cristo Rei de 12 metros de altura. A Providência, companheira de caminho de Abuna Giacomo, jamais o abandonou e ainda hoje é hóspede habitual entre suas irmãs.

Em 1951 o Hospital da Cruz foi exclusivamente reservado para tratar de doenças mentais. Hoje é o maior complexo psiquiátrico do Oriente Médio, centro universitário e acadêmico, com mais de 1000 pacientes, 54% deles não cristãos. O Hospital da Cruz acolhe doentes de qualquer religião com o espírito de misericórdia que marca a Congregação das Irmãs Franciscanas da Cruz do Líbano: “Sejamos semelhantes à fonte que jamais pergunta a quem tem sede: diz-me primeiro de qual país tu vens, ou não te darei de beber”.

Abuna Giacomo foi reconhecido pelas autoridades religiosas e civis como um gigante da caridade; não teve outra meta na sua vida a não ser a de “Amar a Deus e ao ser humano, imagem do Crucificado”.

A idade e a doença afetaram a forte fibra do atleta de Cristo e em particular o seu coração, que tantas vezes Abuna Giacomo tinha oferecido ao Senhor: “Senhor, vós quereis o meu coração, ei-lo; assim como a minha inteligência, a minha vontade e todo o meu ser”.

Ao amanhecer do dia 26 de junho de 1954, um sábado, ele disse: “Hoje é meu último dia!”. Morreu às 15 horas. A rádio, a imprensa, os amigos, os campanários nas aldeias anunciam a sua morte. Milhares de pessoas acorrem ao Convento da Cruz, para chorar, rezar, e receber uma bênção dele que agora vive na eternidade.

O Núncio Apostólico sintetizou a vida de Abuna Giacomo com estas palavras: “Foi o maior homem que o Líbano teve em nossos dias.” O representante do Governo, senhor Naccache, em nome do Presidente da República, Camille Chamoun, após sobre seu peito a medalha de ouro do Cedro de Primeira Classe, sinal de reconhecimento pelo bem que ele fez. O corpo foi posto no sepulcro da nova capela do Calvário.

Pela fama de santidade a ele atribuída, em vida e depois da morte, aviou-se o processo de beatificação que foi concluído com a assinatura do Decreto pelo Papa Bento XVI no dia 17 de dezembro de 2007. Em 22 de junho de 2008 teremos a alegria de assistir à sua Beatificação, em Beirute.

Abuna Giacomo de Ghazir é uma daquelas figuras de capuchinho que, no seguimento do Seráfico Abuna São Francisco, soube deixar-se tocar pelo sofrimento de seu povo e usou de misericórdia para com as pessoas. Ele se deixou interpelar pelas necessidades urgentes de seu tempo e respondeu concretamente com fé, usando para isso, sem economizar, todas as forças.

Amou seu povo e mobilizou todas as suas capacidades organizativas para encontrar as melhores soluções, mas sobretudo para que pudessem ter continuidade e durar no tempo.

No ano passado eu tive ocasião de visitar algumas das casas desejadas por ele e agora dirigidas pela Congregação das irmãs que ele fundou. São estruturas que

acolhem sacerdotes anciãos, doentes mentais, idosos abandonados e jovens incapacitados. Eu pude observar ali que além da adequada cura da saúde, é assegurado aos pacientes o respeito da dignidade humana. É claro que uma obra com uma ação tão ampla não podia ser realizada sem a colaboração de outros igualmente tocados pelas necessidades que Abuna Giacomo evidenciava. A Congregação das Irmãs Franciscanas da Cruz do Líbano nasceu do amor que Abuna Giacomo tinha pelos mais necessitados e ao mesmo tempo é a resposta de mulheres que acolheram a proposta que através dele, Deus fazia.

Só um caráter forte e decidido podia realizar o que ele fez. De fato, ele não fugia dos desafios e dos árduos sacrifícios a eles inerentes. Costumava afirmar: “Quem quer o céu sem sofrimento, é como quem quer comprar mercadoria sem pagar”. Também é sua a afirmação: “A oração sem confiança é como uma carta no bolso, que jamais chega ao destino”, como para dizer que não podemos empreender ações desse porte – suas inumeráveis fundações – sem uma profunda atitude de fé.

Toda a Ordem, em particular os frades da Vice-Província geral do Oriente Médio e as irmãs Franciscanas da Cruz do Líbano, podem alegrar-se por este momento de festa. Esta Beatificação nos honra e nos estimula a viver a nossa consagração com uma atenção particular para com os pobres e os deserdados. Relembramos o que afirmam as nossas Constituições: “Por isso vamos viver de boa vontade a nossa vida fraterna no meio dos pobres, partilhando com grande amor seus sofrimentos e humildade” (Const. n.12,3).

Fr. Mauro Jöhri
Ministro Geral OFMCap

Roma, 9 de junho de 2008

